

PROBLEMATIZANDO O ENSINO DO CORPO NA FORMAÇÃO INICIAL E

PEREIRA QUADRADO, R. (1)

Instituto de Educação. universidade Federal do Rio Grande - FURG raquelquadrado@yahoo.com.br

Resumen

Este trabalho tem por objetivo discutir o corpo humano como uma produção híbrida (biológica e cultural). Para tanto, discute-se a abordagem de corpo que vem sendo trabalhado na escola e apresenta-se o trabalho desenvolvido na formação inicial e continuada de professores de ciências, constituído por um conjunto de atividades que buscam romper com a visão centrada apenas no discurso biológico. Ao pensar o corpo como um artefato que se constitui na correlação de múltiplos elementos sociais, estabelece-se algumas conexões com os Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas.

Objetivo: Discutir o ensino do corpo na formação inicial e continuada de professores de ciências.

Marco Teórico

Os discursos sobre o corpo constituem os sujeitos, produzindo modos de ser. A família, a religião, a mídia, a escola, através de seus discursos e de suas práticas, “trabalham” na produção dos corpos, daquilo que se é, como cada indivíduo se reconhece como pessoa. A escola é um espaço importante na produção de representações sobre o corpo. O currículo escolar tem mostrado um corpo fragmentado, assexuado, anônimo, atemporal, sem etnia, muitas vezes reduzido a órgãos e sistemas internos, contribuindo para a construção de representações centradas apenas no discurso biológico, sem incorporar “outras representações culturais que circulam nos discursos sobre a beleza, a obesidade, a doença, os modos de ser [...] Ao fazer isso, silencia, as diferenças culturais de raça, de gênero e de credo” (Santos, 2002, p.103).

Assim, desconsidera-se outras abordagens e instâncias educativas que têm participação ativa na produção do corpo, tais como revistas, anúncios publicitários, músicas, entre outras. É comum, então, que os alunos não se identifiquem com o corpo que lhes é apresentado na escola, uma vez que as abordagens silenciadas por esta instituição podem ser encontradas em inúmeros outros espaços e com um apelo muito mais forte.

Nesse sentido, “o corpo parece ter ficado fora da escola” (Louro, 2000, p. 60). Segundo a autora, “aparentemente estamos, nas escolas e universidades, lidando exclusivamente com idéias e conceitos que de algum modo fluem de seres incorpóreos” (id.). Desconsideram-se os corpos dos estudantes e as identidades que neles se inscrevem.

Ao discutir o corpo como híbrido (biológico e cultural), entende-se que ele também é produzido na e pela linguagem que, ao nomeá-lo e supostamente descrevê-lo, interpela-o, atuando no processo constitutivo das identidades. Através da linguagem, veicula-se significados sobre corpos jovens, saudáveis, da moda, negligenciados, doentes, etc. Pensar o corpo dessa forma implica em “perceber sua provisoriedade e as infinitas possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e ressignificá-lo” (Figueira, 2007, p. 126).

O corpo é a superfície na qual se inscrevem as marcas que identificam e posicionam os sujeitos nos diversos grupos sociais, tais como ser/não ser branco/a, usar/não usar *piercing*, consumir/não consumir determinados bens e serviços, entre outras, que atuam como marcadores identitários, ou seja, “símbolos culturais que servem para diferenciar, agrupar, classificar, ordenar” (Veiga-Neto, 2002). Inúmeras instituições - dentre elas a escola - encontram-se implicadas na produção dos discursos que fabricam esses marcadores. Nelas, atuam pedagogias culturais que “capturam sentidos que circulam na cultura, ressignificando-os, bem como impondo outros através de suas intrincadas redes de poder” (Santos, 2002, p. 196). Essas pedagogias são, também, corporais, pois “‘prescrevem’ modos de ser que, antes que naturais, são produzidos ativamente pelos modos como (re)apresentam os sujeitos” (id., p. 197).

Louro destaca que “os corpos somente são o que são na cultura. Sendo assim, os significados de suas marcas não apenas deslizam e escapam, mas são também múltiplos e mutantes” (2000). Nesse sentido, a forma como as marcas são (re)significadas muda de acordo com o contexto cultural e também ao longo da vida do sujeito, devido à idade, às condições de vida, às imposições da moda, etc.

O corpo está constantemente sendo reinventado e modificado em função das múltiplas intervenções e opções que o mundo contemporâneo oferece: roupas, acessórios, cosméticos, academias, tatuagens, *piercings*, próteses, entre outros, que, ao modificarem o corpo, acabam por modificar, também, aspectos identitários. Produzem-se, assim, representações de pertencimento e exclusão no que diz respeito ao corpo

e essas representações vêm interpelando também os alunos.

Frente a essas representações, tem-se apresentado e debatido, na formação inicial e continuada de professores, um conjunto de atividades intitulado “Que corpo é esse?”.

Desenvolvimento do tema

A escola é uma instituição que tem papel de destaque na produção de representações sobre o corpo e na produção de identidades, logo, é importante que se questione a forma como essa temática vem sendo abordada, a fim de que outras possibilidades de pensar e discutir o corpo no ensino de ciências possam emergir. A atividade “Que corpo é esse?” pode desencadear as discussões, possibilitando a emergência de diversas temáticas relacionadas ao corpo e aos marcadores que nele se inscrevem.

Inicia-se a atividade solicitando que os alunos organizem-se em grupos e produzam a figura de um ser humano, desenhando ou confeccionado a partir de materiais de sucata. Solicita-se que o modelo produzido/a tenha uma identidade. Para tanto, foi elaborada uma ficha de identificação contendo uma série de dados que são preenchidos pelos grupos de alunos, durante a produção do personagem. O corpo estudado será aquele construído pelos alunos a partir dos dados da ficha.

Essa ficha possibilita a discussão de diversas temáticas: mudanças corporais, alimentação, integração entre os sistemas respiratório e cardiovascular, representações de saúde e doença, práticas esportivas, índice de massa corporal, entre outras, que geralmente são abordadas no ensino de ciências, mas de forma fragmentada e descontextualizada. Ao partir dessa produção, é possível pensar em outras abordagens para as aulas de ciências, buscando discutir corpos com os quais os alunos se identifiquem e nos quais se reconheçam.

Ao analisar e discutir essas produções com os professores e acadêmicos, várias outras questões emergiram, tais como puberdade, uso de piercings e adereços, moda, namoro, poluição noturna, romantismo, relações familiares, padrões de beleza, etc, dando indícios de que tal abordagem possibilita perceber o corpo não apenas sob uma perspectiva biologicista, mas sim como um híbrido, em que o biológico e o cultural se entrecruzam, produzindo outros significados.

Conclusões

Buscando problematizar as representações de corpo que vêm sendo apresentadas no espaço escolar, tem-se discutido os corpos como produções híbridas – biológicas e culturais – que estão constantemente sendo modificadas e (re)significadas em função das diversas formas com que eles têm sido pensados, narrados, interpretados e vividos, ao longo do tempo, pelas diferentes culturas. Tais problematizações têm oportunizado a produção de outras formas de ensinar e aprender sobre o corpo na escola, o que tem se evidenciado na produção de unidades didáticas sobre o corpo, por parte dos/as acadêmicos/as e dos/as professores/as, com abordagens que rompem com a mera visão biologicista.

Considerando que os sujeitos são constituídos por aquilo que vêem, lêem, falam, ouvem, vestem e considerando que esses discursos produzem suas identidades, é necessário buscar outras construções curriculares, que incorporem a diversidade cultural, as questões de gênero, credo, etnia, classe social, sexualidade, corpo, consumo e ambiente, entre outras, buscando compartilhar saberes e (re)construir significados. Estar-se-á, assim, (re)significando, também, as identidades.

Referências

FIGUEIRA, M. L. (2007). *A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos*. In: LOURO, G., NECKEL, J. e GOELLNER, S. (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.

LOURO, G. (2000). *Corpo, escola e identidade*. *Revista Educação & Realidade, Produção do corpo*, Porto Alegre, 25 (2), pp. 59-75.

SANTOS, L. H. (2002). *Incorporando "outras" representações culturais de corpo na sala de aula*. In: OLIVEIRA, D. (Org.). *Ciências na sala de aula*. Porto Alegre: Mediação.

SILVA, T. (2002). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.

VEIGA-NETO, A. (2002). *As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, corporal(idades)*,

(ident)idades... In: GARCIA, R. (Org.). *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A.

CITACIÓN

PEREIRA, R. (2009). Problematizando o ensino do corpo na formação inicial e. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 1391-1395
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-1391-1395.pdf>